

ENTREVISTA COM HEIDRUN FÜHRER  
(UNIVERSIDADE DE LUND, SUÉCIA)

---

*Interview with Heidrun Führer (Lund Universitet, Sweden)*

DOI: 10.14393/LL63-v37n1-2021-22

Érika Viviane Costa Vieira \*

Miriam de Paiva Vieira \*\*

---

RESUMO: Entrevista com Heidrun Führer (Universidade de Lund, Suécia) concedida a Erika Vieira e Miriam Vieira em 17 de dezembro de 2020.

PALAVRAS-CHAVE: Intermidialidade. Ensino. Literatura.

ABSTRACT: Interview with Heidrun Führer (Lund University, Sweden), granted to Érika Vieira and Miriam Vieira on December 17th, 2020.

KEYWORDS: Intermediality. Teaching. Literature.

---

---

\* Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pelo Poslit / FALE / UFMG. Professora adjunta do Curso de Letras da UFVJM. ORCID: 0000-0003-3082-8805. E-mail: erikavcv(AT)gmail.com

\*\* Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pelo Poslit / FALE / UFMG. Professora adjunta do Departamento de Letras, Artes e Cultura da UFSJ, onde atua na graduação e no Programa de Mestrado em Letras. ORCID: 0000-0001-9851-0217. E-mail: miriamvieira(AT)ufsj.edu.br

## Introdução



Heidrun Führer é professora associada e conferencista sênior no Departamento de Artes e Ciências Culturais, Setor de Intermídia e Estudos da Moda na University Lund, Suécia. Sua pesquisa abrange o campo dos estudos intermídia e centra-se em como um enfoque na intermedialidade pode aprimorar a ampla área da literatura antiga e moderna, e de outros produtos culturais. Ela explorou as relações intermidiáticas ao abordar temas que giravam em torno dos conceitos de emblema, écfrase, teatro e performance.

Visitou<sup>1</sup> Belo Horizonte, em 2014, quando lecionou no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – PosLit da Faculdade de Letras – FALE/UFMG como professora convidada de intermedialidade em um curso denominado “Mídia e cultura intermidiática: dos tempos antigos à era digital”. Essa experiência lhe deu a oportunidade de conhecer o grupo de pesquisa brasileiro em intermedialidade – Intermídia: estudos sobre a intermedialidade (CNPq), liderado pelos profs. Claus Clüver e Thaís Flores Nogueira Diniz, e de intensificar os contatos e cooperações internacionais para futuros projetos.

---

<sup>1</sup> Foi convidada a oferecer um curso e dar palestras pelo Grupo Intermídia, nos programas de pós-graduação que seguem: Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria e Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto. Ela recebeu apoio do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

**1. No Brasil, os cursos de Letras derivam da tradição francesa das Belas Letras, tendo a Literatura como um dos pilares das línguas materna e estrangeira. Ao longo do tempo, vários paradigmas foram superados com a inclusão de novas disciplinas, como os Estudos Culturais, por exemplo, e com a exclusão de outras, como as Línguas Clássicas, o Grego. Então, qual é a tradição sueca?**

Na verdade, as situações são muito semelhantes. Ao estudar literatura sueca, os alunos intensificam seus conhecimentos em sueco como língua materna, também considerada um pilar para a aprendizagem de línguas estrangeiras, sobretudo quando são apresentados à linguística. O que você denomina como “inclusão de conteúdo” e “exclusão” como um desenvolvimento em suas Universidades, posso afirmar como uma tendência geral. Novas e antigas disciplinas se esforçam para delinear seu campo específico de especialização nas instituições ao estabelecer fronteiras e excluir outras disciplinas, em particular as línguas mais antigas, chamadas de línguas mortas, como se meramente assombrassem os estudos científicos modernos. Em meus ouvidos, isso soa muito como as vozes do Iluminismo do século XVIII, quando os estudiosos queriam acabar com os velhos conteúdos religiosos e voltar à observação empírica, ao pensamento matemático, lógico e científico.

No entanto, a fragmentação em várias disciplinas diferentes na Universidade tem vantagens e desvantagens. Por um lado, as disciplinas centrais canonizadas como Filosofia, Literatura e Arte também ganharam uma nova vida devido à competição com os conteúdos recém-chegados menores, como estudos de cinema, estudos culturais, estudos de moda, estudos de jogos etc. Por outro lado, a tradição de estudar as línguas antigas, como fonte cultural de nossos produtos de mídia recentes, tornou-se marginalizado, um desenvolvimento que também se deve em parte a métodos antiquados, até mesmo normativos, que precisavam ser questionados criticamente. Mas, ao jogar fora a água do banho junto com o bebê, é preciso pagar por isso.

Estudar literatura ou língua sueca hoje significa frequentemente que a tradição de escrever e estudar poesia, literatura e língua está restrita ao desenvolvimento histórico na Suécia. Suas tradições antigas e as primeiras abordagens teóricas da literatura como a Poética de Aristóteles são algo que os alunos podem ter ouvido, mas dificilmente podem contextualizar, embora algumas noções gregas como mimese, diegese ou catarse, para citar apenas algumas,

sejam frequentemente usadas. No entanto, também precisamos de uma visão histórica e diacrônica tanto da linguagem quanto da literatura e saber algo sobre a história das ideias, ou seja, como a noção teórica, classificações e distinções foram compreendidas e utilizadas ao longo da história. Pense na distinção de conceitos como “fato” e “ficção”, tão importantes para os alunos, não só no estudo de literatura, mas também na discussão de “documentários” ou as modernas “notícias falsas”. Você pode se lembrar aqui do velho ditado de Bakhtin de que “as fronteiras entre ficção e não ficção ... não estão estabelecidas no céu” (BAKHTIN, 1981, p. 33), mas você também pode estudar o classicista britânico Stephen Halliway que em vários artigos incorpora o as noções gregas mencionadas acima não apenas no contexto histórico antes e depois da Poética de Aristóteles, mas também em sua compreensão e usos sempre mutantes em diferentes disciplinas<sup>2</sup>. Para os alunos dos estudos em intermedialidade que devem ser capazes de discutir os problemas de adaptação de romances para o cinema ou vice-versa, é necessário aprender que diegese significa algo diferente nos estudos cinematográficos e nos estudos literários. Essa noção exemplifica uma tendência acadêmica – a de teorizar pesadamente. Sem esse contexto histórico, a cultura sueca parece vir do nada, embora a língua já seja uma mistura em constante mudança das línguas inglesa, alemã e outras. E quando se trata de estudar literatura, não consigo realmente entender como os alunos podem desenvolver novas ideias críticas e interpretações sem contextualizar um texto literário com relação a outros produtos culturais, como cinema, música, mas também à moda, artes visuais e mídias em geral.

## **2. A Universidade de Lund tem um diploma de bacharel em Intermidialidade, certo? Em que contexto foi criado?**

Para isso, volto à fragmentação das disciplinas nas universidades. O nascimento dos estudos em intermedialidade como uma instituição própria é, na verdade, um resultado da separação dos estudos literários, quase ao mesmo tempo, dos estudos cinematográficos; se tornaram uma instituição separada, por conta própria. Lund não estava sozinha ao

---

<sup>2</sup> Veja, por exemplo, as diferenciações de Halliwell entre diegese e mimeses em: <https://www.lhn.uni-hamburg.de/node/36.html> (acesso: em 10 jan. 2021), um texto que sempre uso quando ensino estudos intermediários em Lund. Veja também: HALLIWELL, 2015.

institucionalizar um interesse intenso no estudo das inter-relações entre as artes e as novas tecnologias de mídia, permitindo novas atividades culturais e produtos de mídia.

Eu experimentei um desenvolvimento semelhante na Alemanha, onde estudei literatura, linguística e latim da velha e moderna Alemanha durante os anos 1970 e 1980. No início, foram estudadas adaptações para o cinema, partindo-se da literatura, mas depois os estudos cinematográficos lutaram por uma instituição própria. Um pouco mais tarde, os estudos midiáticos se popularizaram e as questões intermidiáticas foram discutidas desde os anos 1980 e 1990 na Alemanha.

### **3. Qual foi o contexto da sua concepção curricular?**

O responsável pela existência de uma instituição de estudos em intermedialidade em Lund e pela popularização do conceito é Hans Lund. Vindo dos estudos literários, ele estabeleceu e organizou o currículo para a intermedialidade, e ensinou em vários desses cursos o desenvolvimento da cultura midiada ao longo dos tempos com muito entusiasmo. Ele não estava sozinho, mas sempre em contato acadêmico e amigável com outros pioneiros da área da intermedialidade, como Claus Clüver, Steven P. Scher, Ulrich Weisstein ou Bernhard Scholz, apenas para citar alguns dos estudiosos que são famosos por levar a recém criada disciplina para suas próprias universidades de origem. Hans Lund, a quem tenho muito a agradecer pessoalmente, conseguiu conceber um currículo, que mais tarde foi transformado em um bacharelado, mas a institucionalização de um professor em estudos da intermedialidade infelizmente falhou no final devido a muitas condições econômicas infelizes.

Hans Lund é o único que conseguiu institucionalizar a intermedialidade como uma disciplina desde o nível básico até o diploma. Lund é a única universidade onde você pode fazer isso. Como os tópicos e o método ensinado nos estudos em intermedialidade exigem muito conhecimento cultural, não há muitos alunos capazes e ousados o suficiente para investir tempo e dinheiro no estudo desses tópicos interessantes. No entanto, são múltiplas as possibilidades de introduzir a intermedialidade aos alunos, não apenas àqueles que vêm até nós da literatura, dos estudos de mídia ou das artes visuais para complementar sua formação com uma perspectiva intermidiática. Lecionamos também em outras instituições, como cursos no

mestrado em literatura ou em estudos digitais e de moda, onde também tentamos integrar o enfoque intermediário a essas disciplinas.

A diferença de outras universidades suecas é que Lund não se restringe à intermedialidade para estudar literatura como ponto de partida. Famosa por desenvolver uma teoria das mídias, por exemplo, é a Universidade de Linnaeus em Växjö, onde cooperamos com Lars Elleström e Jørgen Bruhn.

#### 4. Como os cursos são organizados? O que eles estudam?

A Universidade de Lund oferece disciplinas e um diploma de bacharel em estudos da intermedialidade. Dentro do departamento de Artes e Estudos Culturais, a Divisão de Gestão Cultural e Intermedialidade, a instituição oferece hoje aos alunos cursos fascinantes sobre a cultura popular moderna e sobre o estudo das relações interartes no sentido do “*ut pictura poesis*” de Horácio ao esforço programático de Oscar Walzel sobre a iluminação mútua das artes às questões da mídia moderna<sup>3</sup>. Os alunos podem fazer cursos sobre a retórica intermediária da Publicidade, cultura digital e da vida ou o desenvolvimento da obra de arte total, guiando-os do teatro antigo à arquitetura moderna, discutindo o desenvolvimento de conceitos, como arte e mídia. Em outras palavras, os estudos da intermedialidade em Lund ampliam o campo para além da literatura e das questões clássicas de como música, pinturas ou filmes podem ser integrados em textos literários.

Como resultado, nossos cursos podem integrar temas como a paisagem sonora de uma cidade, onde também encontramos publicidade, *flashmobs* e arte de rua, apresentando diferentes perspectivas sobre o que antes era chamado de “natureza”, mas agora, na maioria das vezes, é “realidade”. Outras universidades suecas, no entanto, como de Gotemburgo e de Estocolmo, continuam ligando a intermedialidade à literatura.

No entanto, também temos alguns desafios didáticos ao ensinar o campo altamente complexo da intermedialidade, em particular para alunos vindos diretamente do ensino médio. Esses calouros carecem de muito conhecimento prévio em literatura, história e cultura, além daquele vindo dos filmes, futebol, videogames, mídia social e música com os quais eles

---

<sup>3</sup> Ver Oskar Walzel *Wechselseitige Erhellung der Künste* von 1917. Para uma excelente visão geral sobre o desenvolvimento dos estudos interartes aos intermediários, ver Clüver (2007) ou Clüver (2006).

criaram. Nossa tarefa é começar a partir da experiência deles e torná-los criticamente mais conscientes de seus pressupostos transparentes, como discutir um suposto “conteúdo puro” como algo que todos entenderão da mesma forma e sem reconhecer como é “mediado”. Criar essa consciência é um dos nossos objetivos didáticos. Ele cria as questões intermediárias fundamentais com raízes na distinção genérica de Aristóteles em matéria e forma, chamada de “hílo-morfismo”, que é intensamente discutida, por exemplo, em todos os românticos como Schiller e Goethe, mas ainda hoje por estudiosos e em campos tão diferentes como o antropólogo Tim Ingold e a física Karen Barad<sup>4</sup>. Eles argumentam que as formas das coisas surgem dentro de campos de força e fluxos de materiais e rejeitam a velha ideia de definir uma coisa ou um conceito por sua “essência”. Mas, em vez de discutir esses problemas teoricamente, apresentamos estudos de caso nos quais podemos praticar diferentes abordagens teóricas. Para isso, ensinamos conhecimentos básicos em diferentes áreas, como narratologia, antropologia, retórica, fenomenologia ou semiótica, sempre contrapondo essas diferentes perspectivas umas às outras. Por exemplo, enquanto a teoria dos sinais de Saussure é um método que ajuda a analisar a linguagem e a linguística, o interesse de Charles S. Peirce era delinear um processo lógico e pragmático de compreensão, semiose<sup>5</sup>. Essa teoria dos signos é ampliada com o pensamento cultural sobre a representação de Stuart Hall e seu interesse pelos fenômenos subculturais. No entanto, uma teoria semiótica está ligada à linguagem, a outra à lógica. Comparando ambos, vemos o que falta ao outro. Por exemplo, a preocupação com a materialidade, como mencionado acima, com a multimodalidade ou com os afetos são muito importantes quando se trabalha com estudos de fã. Em outras palavras, abordamos a intermedialidade a partir do enfoque de diferentes estudos de caso que nos permitem fazer os alunos sentirem na prática a nova diferença a que a intermedialidade também pode introduzir, teoricamente. O interesse mais recente na multimodalidade estende a abordagem intermedial clássica para ir além da obra de arte autônoma e da ideia de mídia “pura”, diferenciando por objeto não apenas a mídia básica organizada em sistemas de signos, mas também em modalidades que influenciam a comunicação.

---

4 INGOLD, 2010; BARAD, 2003.

<sup>5</sup> Para uma boa introdução à semiótica, consulte CHANDLER, 2002.

**5. Considerando a resposta da sociedade e dos alunos ao Bacharelado em Intermidialidade: como essa disciplina ganhou o status de uma graduação, de um Bacharelado? A sociedade absorve as pessoas que se formam nos Estudos em Intermidialidade? Quais são as oportunidades para os alunos com um diploma de Intermidialista?**

Por um lado, como mencionei no início, houve um movimento nas décadas de 1980 e 1990 de desmembrar as grandes disciplinas em disciplinas menores, especiais. Nesse fluxo, Hans Lund instituiu a intermedialidade. Por outro lado, o processo de Bolonha, com o objetivo de “harmonizar a arquitetura do sistema europeu de ensino superior” (Sorbonne Joint Declaration ... 1998)<sup>6</sup>, foi responsável por introduzir e reformar os cursos de intermedialidade existentes para o bacharelado e o mestrado. Ao mesmo tempo, poder organizar tal série de cursos era administrativamente problemático e um desafio altamente competitivo, já que a Universidade de Lund não queria pagar por muitas "master classes", tão diferentes dos anos 1990, quando a Universidade estava fluindo e aceitou o estabelecimento de novas instituições. São decisões políticas que, ao fim, enfraqueceram a iniciativa de Hans Lund de estabelecer cursos de intermedialidade em um sistema crescente de níveis contínuos. De fato, Hans Lund chegou tão longe que organizou uma cátedra para [a Universidade de] Lund. No entanto, foi um azar que o professor candidato da Alemanha finalmente negasse o cargo e fizesse a construção desmoronar. No entanto, graças a Hans Lund, Claus Clüver tornou-se, pelo menos, professor de honra na Universidade de Lund, em 2003. Ficamos muito orgulhosos.

Os alunos do curso de Intermidialidade em Lund geralmente continuam e dão o próximo passo em direção aos estudos de cultura visual, arqueologia, cinema ou em estudos culturais para ter um mestrado no final. No entanto, há também os alunos que saem da Universidade após o bacharelado em busca de empregos em agências de publicidade, museus, bibliotecas ou empregos que possam assumir, devido à ampla formação sobre diferentes meios de comunicação e interesses culturais. Pelo que vejo agora, a maioria deles conseguiu emprego, embora a situação do Corona [viral] tenha lhes dificultado a vida.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.ehea.info/page-sorbonne-declaration-1998>. Acesso em: 10 jan. 2021.



**6. Você já mencionou Claus Clüver algumas vezes. Como é provável que os leitores do dossiê já tenham ouvido falar dele, e até mesmo o tenham lido, poderia comentar um pouco mais sobre sua contribuição, de sua perspectiva, em um cenário estrangeiro mais amplo?**

Não posso exagerar seu impacto, tanto em mim pessoalmente quanto no campo acadêmico, desenvolvendo ainda mais a teoria da intermedialidade. Eu o conheci quando escrevi minha tese de doutorado sobre um drama barroco em latim e ele me apoiou na minha curiosidade de considerar o drama em sua materialidade para além das ideias cristãs “imateriais”, com suas imagens e a música, a tipografia e todos os detalhes que são negligenciados ao estudar o latim como língua. Fiquei frustrado que esta disciplina – e não é a única – seja tão restritiva em delinear seu campo sem permitir outras questões. Portanto, apreciei o apoio de Claus Clüver ao me apresentar à intermedialidade como um novo campo, desenvolvendo novas perguntas e observando fenômenos negligenciados, em vez de direcionar as pessoas para um conhecimento padronizado. Sua criatividade reside em fazer perguntas, nunca em repetir o que já sabemos. Isso foi durante o tempo em que trabalhou junto com Hans Lund para desenvolver e ministrar cursos de intermedialidade: Clüver, com forte interesse em artes visuais, e Lund, em música e artes visuais. Ele e Hans Lund formavam uma boa equipe. Eles são os que realmente moldaram a compreensão nórdica da intermedialidade e que experimentaram a transformação dos estudos da Interartes em intermedialidade. Clüver escreveu vários artigos seminais de visão geral sobre essa mudança e sobre temas que me interessam, como a efrase, sempre de olho em objetos que não são institucionalizados como arte. O mesmo vale para Hans Lund. Seus artigos são sempre parte obrigatória das listas de leitura, embora o desenvolvimento técnico seja tão rápido que ambos – devido à idade – não falam de *e-books*, vídeos ou dramas de Shakespeare no Twitter ou produções culturais desse tipo. Essas coisas são para a próxima geração de intermedialistas detectar e discutir. Enquanto Clüver é o promotor internacionalmente ativo das questões intermediárias, demonstrando o que a intermedialidade pode fazer e ampliando sua plataforma internacional, Hans Lund tem a mesma posição na Suécia com seu livro de introdução em intermedialidade em sueco. No entanto, quando estou iniciando um novo curso na primavera em inglês, uso o artigo de Claus Clüver para apresentar a intermedialidade antes de lidar com

as publicações mais recentes de Werner Wolf, Lars Elleström ou Jørgen Bruhn. Logo, a primeira aula é sobre Claus Clüver, e então avançamos.

## 7. Como a intermedialidade influenciou de fato os estudos literários e vice-versa?

A inter-relação entre a literatura e os estudos da intermedialidade é em parte competitiva, em parte construtiva na medida em que ambos os lados podem usar os outros métodos e resultados. Quando olhamos para o passado, o termo intermedialidade era um novato nos anos 1980 e 1990, mas era quase desconhecido em outras instituições em Lund quando comecei a trabalhar aqui em 2003. Entretanto, especialmente quando olhei para fora da Suécia, para os países de língua alemã da Alemanha, Áustria e Suíça, o termo tornou-se popular ao ampliar o interesse pela intertextualidade na literatura para um interesse geral na influência e inter-relação dos produtos de mídia cultural e o impacto da tecnologia de mídia moderna. Assim, podemos observar diferentes ramos, um partindo da literatura (Werner Wolf, Irina Rajewsky), outros dos estudos cinematográficos (Paesch, Müller), outro com um enfoque filosófico em uma teoria da mídia filosófica ao invés de obras de arte ou produtos de mídia (Sybille Krämer, Erich Hörl, Lars Elleström). Todos tentam mapear como intermedialidade e literatura são campos inter-relacionados, formalizando e esquematizando todas as novas tendências em detalhes a fim de especificar teorias e métodos.

Crucial é perceber que um discurso midiático coloca em primeiro plano o portador e canal transmissor de informação enfatizando o desenvolvimento técnico e digital, enquanto o outro discurso ressalta a interdependência dos aspectos materiais e tecnológicos com a composição de ideias “imateriais”, aquilo que muitas vezes é chamado de “conteúdo”. Ainda assim, o discurso da mídia tecnológica, extraído de Friedrich Kittler, Marshall McLuhan e, filosoficamente, também de George Simondon e Bernhard Stiegler, ajuda a ver que o meio físico é mais do que um meio de armazenamento (um papel, um vinil, um disco)<sup>7</sup>. Em vez disso, essas materialidades influenciam o “resultado” do produto de mídia. Imagine ouvir uma música de Schubert em um show ao vivo, em vinil, na TV ou no Youtube. Você sente as diferenças e os estudos em intermedialidade pesquisam isso. Portanto, sem traçar uma fronteira rígida entre o

---

<sup>7</sup> Para uma introdução, confira SWAN (2014, p. 67-75).

pensamento analógico e cibernético, que Erich Hörl chamou de “novo paradigma ecológico”<sup>8</sup>, gosto de ler textos deste site de estudos de mídia para compreender o desenvolvimento da publicidade digital, o emaranhado da tecnologia no teatro pós-dramático ou as “adaptações” da literatura tradicionalmente canônica em formatos de mídia tecnológica moderna.

Ao indagar sobre como os estudos da intermedialidade influenciaram a literatura, eu diria que os estudos literários questionaram seu foco único nas obras escritas em linguagem literária, entendidas como um sistema de signos no sentido de Saussure para representar algo e, assim, criar sentido. Assim, não só o significado foi priorizado, mas também uma estrutura generalizada dando aos alunos a chave para “desvendar” o mistério do texto verbal de, digamos, o dramaturgo, romancista, poeta, ensaísta e pintor August Strindberg (1849-1912), o dramaturgo, poeta e ator inglês William Shakespeare (1564-1616) ou o poeta e dramaturgo alemão-sueco Nelly Sachs (1891-1970) após classificá-lo nos gêneros épico, dramático e lírico tradicionais. Enquanto os autores listados trabalham e pensam criativamente em diferentes modos, sistemas de signos ou mídia básica, os estudos literários insistem em uma prioridade linguística, considerada como mono-mídia. Em contraste, uma perspectiva intermediática enfatiza mais dinamicamente as múltiplas inter-relações com outras “mídias distintas”, como explorei ao tomar um romance de Thomas Mann como exemplo<sup>9</sup>. Para muitos, texto e imagem, que chamamos de mídia básica, são sistemas de signos distintos e diferentes. Por exemplo, a chamada literatura ilustrada era uma combinação de dois sistemas de signos, pelo que a noção de “ilustração” já implica uma subordinação da imagem ao texto. Muitos estudos sobre ekphrasis e “iconotextos” (Wagner) mudam essa visão. Ainda assim, outras questões precisam ser levantadas, tais como: qual a relação entre a literatura e o livro? Que impacto tem a materialidade de um livro ou literatura? E qual o impacto de uma performance ao vivo ou mediada em nossa compreensão? No estudo da literatura, o ponto de partida é o texto como uma unidade fechada, representando o(s) significado(s) da obra, ao invés das materialidades e multimodalidades mutantes das performances no teatro. Além disso, o teatro prioriza o corpo como mídia básica à parte da tríade clássica de palavra, imagem e som, o corpo humano e os gestos dos atores e do público na mutável espaço-temporalidade do edifício do teatro.

---

<sup>8</sup> BURTON; HÖRL, 2017.

<sup>9</sup> FÜHRER, 2007.

Em cooperação com a Linnaeus University em Växjö, estamos apenas trabalhando nessas complexidades intermediáticas para um novo livro que apresenta aos alunos os estudos da intermedialidade<sup>10</sup>.

### 8. Quais conceitos de estudos culturais estão em jogo quando falamos de uma abordagem intermediática da literatura?

Vejo um problema em focar demais na semiótica como uma superteoria, que sempre se esforça para buscar signos que dão sentido via representação. A literatura é, como dito antes, discutida principalmente como um meio de acordo com o sistema de signos dominante de palavras. Descrever uma pintura torna-se então, nesta abordagem, *écfrase*, pelo menos enquanto nos movemos dentro do “Sistema Moderno das artes”, como delineado por Paul Oskar Kristeller<sup>11</sup>. O discurso da *écfrase* mostra em particular o pressuposto normativo transparente sobre como e por que queremos compreender algo como uma mídia ou uma arte, o que excluímos e incluímos no processo de atribuição de significado<sup>12</sup>. Isso leva a outro problema que vejo: uma discussão intermediática da literatura que parte da ideia pré-estabelecida de um “meio distinto” (Wolf) no qual outras classificações – como “intermedialidade intra ou extracomposicional” (Wolf); “Transposição intermediática” (por exemplo, de um romance para um filme) e “transmedialidade” como analogia entre diferentes mídias (Rajewsky), ou “modalidades de mídia” (Elleström) – são fundamentadas.

Quando menciono as modalidades de mídia, nomeio brevemente as quatro diretrizes de Elleström<sup>13</sup>: o material, o sensorial, o espaço-temporal e a modalidade semiótica, que lhe permitem distinguir entre uma sensação semiótica e pré-semiótica, uma sensação quando

---

<sup>10</sup> No prelo, Routledge.

<sup>11</sup> KRISTELLER, 1951.

<sup>12</sup> Ruth Webb abriu as discussões sobre as deficiências da compreensão moderna da *écfrase* simplesmente separando a história do conceito. Veja WEBB, 2009.

Seu texto é frequentemente tomado como ponto de partida para reformular a noção de *écfrase*. Confira, por exemplo, Miriam Vieira (2019, 2020) que questiona a restrição da definição ao integrar a arquitetura como um tema historicamente relevante que havia sido negligenciado.

Contudo, no esforço de purificar uma definição abstrata no sentido de “uma representação verbal de uma representação visual”, ver HEFFERNAN, 1993.

<sup>13</sup> Modelo proposto em *Media Borders, Multimodality and Intermediality* (2010) e revisado em *Beyond Media Borders*, volume 1 (2020). Observe a diferença entre os conceitos de multimodalidade de Elleström e os de Günther Kress e Theo van Leeuwen (2001). Para uma abordagem crítica da pesquisa de Kress e Leeuwen, ver PRIOR (2005).

tentamos dar sentido e o primeiro impacto, talvez um resultado do afeto pensado como uma força própria (Massumi). Embora todas as modalidades precisem de mais consideração, o modelo de Elleström é muito mais dinâmico do que aqueles que se baseiam na tecnologia ou afirmam que o meio sempre desaparece no consumo da mensagem (Krämer, Mersch).

### **9. Quando você fala sobre ensinar intermedialidade, do que está falando, mais especificamente?**

No ensino da intermedialidade escolhemos um gênero de texto, por exemplo, os quadrinhos e consideramos seu processo de institucionalização fazendo-nos aceitá-los hoje como literatura, mas como uma forma que historicamente não está ligada ao “livro”, mas à revista onde começou com uma série de imagens com texto em espaço próprio para o prazer de apenas alguns grupos de leitores. Curiosamente, os quadrinhos não são tanto uma obra (de arte) autônoma, mas, como os jornais, um texto efêmero em uma série. Ao dizer isso, aponto o aspecto qualificador que vem com o formato do livro. Lembro-me da diferença entre livros “reais” e “brochuras” que me permitiam, como estudante, comprar meus próprios livros. Mas também possuo muitos livros mais antigos, pesados em sua materialidade em couro e ouro, qualificados pelo valor social dado a esse formato físico e sua materialidade. Por outro lado, temos um jornal barato em mãos ou uma revista especial que oferece quadrinhos específicos. De qualquer forma, a serialidade, a efemeridade e a forma cotidiana do jornal são portadores de muitos textos que hoje qualificamos como literatura: Charles Dickens não foi o único a publicar suas histórias em série, em um processo contínuo durante o qual saiu na rua, falando com gente que dizia “ei, você não pode fazer esse cara morrer, ele foi tão importante pra mim!”. E ele mudou seu trabalho que não era só seu.

Discutir esse processo com os alunos de literatura faz com que percebam que o que chamamos de “mídia” não é uma coisa única e não é uma “coisa” estática. Embora sempre precisemos de um elemento físico e material para criar literatura, seu “conteúdo” nunca é estático, uma ideia pré-estabelecida, moldada em uma forma, mas um produto multimodal e dinâmico de mídia ao invés de uma “obra de arte” acabada. A forma seriada é como um sistema aberto e dinâmico por si só, é algo que muitos alunos conhecem na TV, Netflix ou outro formato. Para tornar isso mais concreto: quando ensino, por exemplo, histórias em quadrinhos, os

alunos imediatamente compreendem a inter-relação dinâmica entre texto e imagem, conforme as palavras aparecem em diferentes formas visuais dentro e fora de um balão, assumindo visualmente o modo de diferentes vozes. Estudamos também o impacto da escolha de diferentes perspectivas e molduras nas imagens, que podem ser em preto e branco ou coloridas, ou serem desenhadas de forma mais ou menos realista. Assim, os alunos aprendem a ver os detalhes que muitas vezes são marginalizados nas classificações abstratas.

Quando ensino *Persépolis* de Satrapi, por exemplo, discutimos onde, quando e por que essa série de quadrinhos foi publicada em diferentes formatos, por que é escrita em preto e branco, quando e por que os desenhos são auto-reflexivos apontando para sua produção e o autor e como se pode relacionar as versões impressas, agora já digitalizadas, de *Persépolis* com o filme de animação de 2007, dirigido por Vincent Paronnaud e Marjane Satrapi. Essas são as condições processuais que serão então relacionadas ao modo como a narrativa se desenrola. Isso nos permite discutir como conceitos como estética, gênero e questões políticas se entrelaçam com sua materialização intermediária em um contexto intertextual.

**10. Você mencionou a materialidade do livro. Além do suporte em papel, hoje também lemos livros em *e-readers*, *tablets* e até no celular. Devido à pandemia, os autores têm produzido cada vez mais nas redes sociais. Mesmo autores consolidados têm aproveitado as mídias sociais como suporte, como Twitter e Instagram. O que você tem a dizer sobre isso?**

Com efeito, o que queremos dizer com literatura ou texto amplia tanto quanto o material e a plataforma técnica necessários para “carregá-lo”, registrá-lo ou divulgá-lo. O rápido desenvolvimento tecnológico desconstrói rapidamente os modelos acadêmicos tentando mapear todos os aspectos das mídias ordenadamente em sistemas abstratos fixos.

Falamos da nossa literatura, mas também precisamos falar da linguagem, ambas estão em fluxo. É um processo e o que temos que aprender e o que talvez esteja surgindo com a ideia de transmidialidade, estou meio em dúvida, mas mesmo assim, é trazer esse tipo de fluxo ao invés de consertar coisas que: isso é o que Aristóteles queria fazer. Ele queria colocar uma grade nas coisas ao defini-las: este é o conteúdo. Então você conhece os quatro cursos, e então o conteúdo é uma mídia, a mídia é um conteúdo. Como se estivéssemos apenas fazendo estátuas, trabalhando com madeira, as coisas mudaram. Dessa forma, temos que ser mais

abertos e essa abertura pode ser apenas uma abordagem – ter uma teoria, e a teoria não é apenas uma teoria, é um agrupamento de diferentes teorias coletadas. Assim, não é uma visão, pois diferentes visões são muito importantes. Portanto, é preciso ter a semiótica, uma abordagem fenomenológica, uma abordagem materialista, e a todo momento a inter-relação com as mudanças da estética vinda da *aesthesis* grega para este sistema de artes do Iluminismo e a arte em mudança constante. Quando falo de estética, de cultura popular, posso ler livros como *Plutopia* de Kate Brown (2015), por exemplo, quando estou trabalhando, ou o livro que foi Prêmio Nobel de Svetlana Alexievich sobre as Vozes de Chernobyl (1997). Ambos os livros se preocupam em “traduzir” múltiplos relatos de testemunhos orais em uma reflexão consistente sobre modalidades de uma realidade que muitos não querem ver. Esses livros nos guiam, então, para uma compreensão convencional de um gênero documentário, para questões de mídia e verdade, de narrativa e criação de significado, de fato e ficção. Ao fazê-lo, questionamos definições um tanto flexíveis de literatura como mundo de faz-de-conta e ficção, que são criadas por um autor (genial) em uma obra fechada em contraste com os fatos de uma realidade pré-determinada. Uma perspectiva intermediária na literatura discutirá acima de tudo a relatividade e a construtividade das fronteiras na esperança de ser menos normativa e permitir ver os marginalizados. Essa é a ideia principal.

**11. Por último, mas não menos importante, em relação à sua própria carreira: já que é Doutora em Latim e Mestre em Literatura Moderna e Clássica, como os estudos da intermedialidade se integraram à sua carreira de pesquisadora e professora?**

De fato, a intermedialidade é muito importante para mim porque sempre fiz esforço para aprender mais. Em relação aos meus estudos em Drama Barroco, não tinha permissão para falar dos emblemas, uma composição artística de texto e imagens alegóricas que desempenhou um papel importante na argumentação religiosa (propaganda dei), como se conhece dos livros de meditação de emblemas, da igreja e da arquitetura teatral da época. Isso sem falar na música que fazia parte do apêndice de um drama que significava para mim que se perdesse um importante acesso afetivo à retórica envolvida na performance. A “mídia” de um drama não é apenas a linguagem, isso é certo. Mas tive que conhecer Hans Lund para poder me expressar e teorizar sobre essa complexidade, fiz seus cursos na Universidade de Lund,

onde conheci tanto Claus Clüver quanto Bernhard Scholz, este último um especialista em emblemas. Mais do que palavras e linguagem, a literatura intermediática significa para mim ver detalhes, no caso, a tipografia, os erros de linguagem, o posicionamento dos emblemas dentro do texto, perguntando como a imagem foi feita, onde e por que são impressas? Quem tinha permissão para imprimir imagens e textos como aqueles? A questão histórica da censura, que conheci lá, não está desatualizada quando você pensa na escrita de literatura na Alemanha Oriental, por exemplo.

Como comecei minha carreira na universidade com teatro, tenho muito interesse nos estudos da performance e gostaria de abrir o texto para o “fazer” da performance. Écfrase é outro dos meus temas, tentando desafiar a ideia de literatura em uma abordagem monomidiática. Enquanto escrevia a écfrase sob o título “Leaving the White Cube” [Saindo do Cubo Branco] e sobre a intersecção cônica de Matta-Clark como écfrase, me esforcei para desafiar as ideias tradicionais sobre como os estudiosos absorvem noções antigas, não apenas para funcionalizá-las para suas teorias, mas também para criar seus modelos. A arquitetura é interessante neste caso porque, para muitos, a arquitetura é um material, talvez um abrigo decorativo, mas não uma arte ou mídia no sentido de transferir significado e, portanto, não merecedora de ser integrada em um discurso literário de écfrase. No entanto, vendo com os olhos de um intermedialista, pode-se ver coisas criativamente diferentes.

Portanto, ao invés de estabelecer limites disciplinares, minha sugestão seria, minha esperança utópica seria, que pudéssemos trabalhar muito mais juntos, no sentido de abrir nossa pesquisa.

## Agradecimentos

Transcrição da entrevista em vídeo via Zoom: Livia Maria Gimenez Pereira (UFSJ).

Tradução para o português de Erika Viviane Costa Vieira (UFVJM).

## Referências

ARISTOTLE. **Poetics**. translation and commentary by Stephen Halliwell. Chicago: University of Chicago Press, 1986. Disponível em: <https://meliduvom.files.wordpress.com/2013/12/2dlc0b5.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2021.



ARVIDSON, Jens; ASKANDER, Mikael; BRUHN, Jørgen; FÜHRER, Heidrun. Introduction. **Changing borders: contemporary positions in intermediality**. [s.l.]: Intermedial Studies Press, 2007. p. 13-16.

BARAD, Karen. Posthumanist performativity: toward an understanding of how matter comes to matter. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 28, p. 801-831, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1086/345321>

BAKHTIN, Mikhail. The dialogic imagination: four essays. *In*: HOLQUIST, Michael. (Ed.). **The dialogic imagination; four essays by M. Bakhtin**. Translation by Caryl Emerson & Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, 1981.

BURTON, James; HÖRL, Erich (Ed.). **General ecology**. The New Ecological Paradigm. New York: Bloomsbury Academic, 2017.

BRUHN, Jørgen. **Intermediality and narrative literature: medialities matter**. London: Palgrave Macmillan, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1057/978-1-137-57841-9>

CHANDLER, Daniel. **Semiotics for beginners**. London: Routledge, 2002. Disponível em: <http://www.visual-memory.co.uk/daniel/Documents/S4B/>. Acesso em: 3 ago. 2021.

CLÜVER, Claus. A new look at an old topic: ekphrasis revisited. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 30-44, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/letras.v19n1p30-44>

CLÜVER, Claus. Intermediality and Interarts Studies. *In*: ARVIDSON, Jens; ASKANDER, Mikael; BRUHN, Jørgen; FÜHRER, Heidrun. Introduction. **Changing borders: contemporary positions in intermediality**. [s.l.]: Intermedial Studies Press, 2007.

CLÜVER, Claus. Inter textus / Interartes / Inter mídia. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 14, jul-dez, p. 9-39, 2006. DOI: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.14.0.10-41>

ELLESTRÖM, Lars (Org.). **Beyond media borders, volume 1: intermedial relations among multimodal media**. 1. ed. Cham: Palgrave Macmillan, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-3-030-49679-1>

ELLESTRÖM, Lars. **Midialidade: ensaios sobre comunicação, semiótica e intermedialidade**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2017. p. 49-100; p. 229-239. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/livro/midialidade/>

ELLESTRÖM, Lars. **Media borders, multimodality and intermediality**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1057/9780230275201>

FISCHER-LICHTE, Erika. Culture as performance – developing a concept of performance. *In*: GULLESTAD, Anders M.; LOMBARDO, Patrizia; SAETRE, Lars (Ed.). **Exploring textual action**. Aarhus: Aarhus University Press, 2010.

FÜHRER, Heidrun; KRAUS, Anna. Leaving the white cube of ekphrasis: Gordon Matta-Clark's conical intersection. *In*: SALMOSE, Niklas; ELLESTRÖM, Lars (Org.). **Transmediations:**

communication across media borders. 1. ed. New York: Routledge, 2020. v. 1, p. 97-117. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780429282775-6>

FÜHRER, Heidrun. Take the beuys off – reconsidering the current concept of ekphrasis in the performative poetry of Thomas Kling. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 157-188, 2017. DOI: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.27.2.157-188>

FÜHRER, Heidrun. Intermediality in culture: Thomas Mann's Der Tod in Venedig. In: ARVIDSON, Jens; ASKANDER, Mikael; BRUHN, Jørgen; FÜHRER, Heidrun. Introduction. **Changing borders: contemporary positions in intermediality**. [s.l.]: Intermedial Studies Press, 2007. p. 207-238.

FÜHRER, Heidrun; BANASZKIEWICZ, Bernadette. The trajectory of ancient ekphrasis. In: JEDLICKOVA, Alice. **On Description**. Prague: Akropolis, 2014. p. 45-75.

HALL, Stuart (Ed.). Representation. **Cultural representations and signifying practices**. London: Sage, 2012 [1997].

HALLIWELL, Stephen. Fiction. In: DESTRÉE, Pierre; MURRAY, Penelope (Ed.). **A companion to ancient aesthetics**. [s.l.]: Wiley, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1002/9781119009795.ch22>

HALLIWEL, Stephen. Diegesis – mimesis. In: UNI-HAMBURG. **The living handbook of narratology**. Hamburg: Uni-Hamburg, 2012. p. 129-137. Disponível em: <https://www.lhn.uni-hamburg.de/node/36.html> (accessed Jan. 2021)

HEFFERNAN, James. **Museum of words: the poetics of ekphrasis from Homer to Ashbery**. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

HÖRL, Erich. **Sacred channels: the archaic illusion of communication**. Preface by Jean-Luc Nancy, translation by Nils F. Schott, Amsterdam: Amsterdam University Press, 2018. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctvcj3048>

GENETTE, Gerard. **Paratexts: Thresholds of interpretation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

INGOLD, Tim. The textility of making. **Cambridge Journal of Economics**, v. 34, n. 1, p. 91-102, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1093/cje/bep042>

KITTLER, Friedrich A. **Aufschreibesysteme 1800-1900**. Munich: Fink, 1985. Disponível em: [https://monoskop.org/File:Kittler\\_Friedrich\\_Aufschreibesysteme\\_1800\\_1900.pdf](https://monoskop.org/File:Kittler_Friedrich_Aufschreibesysteme_1800_1900.pdf). Acesso em: 3 ago. 2021.

KRÄMER, Sybille. **Medium, messenger, transmission**. An approach to media philosophy. Translated by Anthony Enns. Amsterdam: Amsterdam University Press 2015. Disponível em: <https://library.oapen.org/bitstream/id/761778d5-8853-4ca8-8813-b34a6b0ed3a8/628133.pdf>.

KRESS, Gunter; VAN LEEUWEN, Theo. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. London: Arnold, 2001.

KRISTELLER, Paul Oskar. The modern system of the arts: a study in the history of aesthetics. Part I. **Journal of the History of Ideas**, v. 12, n. 4, p. 496-527, 1951. DOI: <https://doi.org/10.2307/2707484>

LUND, Hans. (ed.) **Intermedialitet**. Ord, bild och ton i samspel. Lund: Studentlitteratur, 2002.

LUND, Hans. **Text as picture. Studies in the literary transformation of pictures**. Lewiston: Mellenpress, 1992.

MITCHELL, W. J. T. **Picture theory**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

MÜLLER, Jürgen E.: **Intermedialität. Formen moderner kultureller Kommunikation**. Münster: [s.e.], 1996.

OOSTERLING, Henk; PLONOWSKA ZIAREK, Ewa (Ed.). **Intermedialities: philosophy, arts**. Lanham: Politics Lexington Books, 2010.

PAECH, Joachim. Intermedialität als Methode und Verfahren. *In*: MÜLLER, Jürgen E. (Ed.). **Media encounters and media theories**. Münster: [s.e.], 2008. p. 57-75.

PAECH, Joachim. Intermedialität. Mediales Differenzial und transformative Figurationen. *In*: HELBIG, Jörg (Ed.). **Intermedialität, Theorie und Praxis eines interdisziplinären Forschungsgebiets**. Berlin: [s.e.], 1998. p. 14-30.

PRIOR, Paul. Moving multimodality beyond the binaries: a response to Gunther Kress' 'Gains and Losses'. **Computers and Composition**, v. 22, n. 1, p. 23-30, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.compcom.2004.12.007>

RAJEWSKY, Irina. **Intermedialität**. Tübingen: Franke, 2002.

RAJEWSKY, Irina O. Intermedialidade, intertextualidade e "remediação": uma perspectiva literária sobre intermedialidade. Tradução de Thaís Flores Nogueira Diniz e Eliana Lourenço de Lima Reis. *In*: DINIZ, Thaís Flores Nogueira (Org.). **Intermedialidade e estudos inter-artes: desafios da arte contemporânea**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2012. v. 1, p. 15-45

SATRAPI, Marjane. **Persepolis 2: The Story of a Return**. Translation by Anjali Singh. New York: Pantheon, 2004. DOI: <https://doi.org/10.2307/4024475>

SATRAPI, Marjane. **Persepolis: the story of a childhood**. Translation by Mattias Ripa and Blake Ferris. New York: Pantheon, 2003.

SCHER, Steven Paul (Hg.). **Comparing literature and music: current trends and prospects in critical theory and methodology**, in: Konstantinovic u.a. 1981, 215-221.

SCHOLZ, Bernhard F. **Emblem und Emblempoetik**. Historische und systematische Studien. Berlin: Erich Schmidt, 2002.

SCHRÖTER, Jens. The politics of intermediality. **Acta Univ. Sapientiae, Film and Media Studies**, v. 2, p. 107-124, 2010. Disponível em: [https://www.theorie-der-medien.de/text\\_detail.php?nr=12](https://www.theorie-der-medien.de/text_detail.php?nr=12)

SWAN, Melanie. Personhood and subjectivation in Simondon and Heidegger. **Journal of Evolution and Technology**, v. 24, n. 3, p. 65-75, 2014.

VIEIRA, Miriam P. Architectural ekphrasis: unveiling a Brazilian Wall-Less House in contemporary fiction. In: SALMOSE, Niklas; ELLESTRÖM, Lars (Org.). **Transmediations communication across media borders**. 1.ed. New York: Routledge, 2020. v. 1, p. 118-135. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780429282775-7>

VIEIRA, Miriam P. Out of space: the complexity of contemplative and performative architectural ekphrasis. In: PAWELEC, Andrzej; SZPILA, Grzegorz; SHAW, Aeddan. **Text-Image-Music: crossing the borders. Intermedial conversations on the poetics of verbal, visual and musical texts**. [s.l.]: Cracow Studies in English Language, Literature and Culture, in press.

WALZEL, Oskar F. Wechselseitige Erhellung der Künste. **Ein Beitrag zur Würdigung kunstgeschichtlicher Begriffe**. Berlin: Reuther & Richard, 1917.

WAGNER, Peter: Introduction: ekphrasis, iconotexts, and intermediality – the state(s) of the art(s). In: WAGNER, Peter. **Icons – texts – iconotexts: essays on ekphrasis and intermediality**. Berlin: [s.e.], 1996. p. 1-40. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110882599.1>

WEBB, Ruth. **Ekphrasis, imagination and persuasion in ancient rhetorical theory and practice**. Farnham: Ashgate, 2009.

WEISSTEIN, Ulrich. To frame or not to frame, that is the question: an intermedial study of Achim von Arnim's "Die Majoratsherren," its Frontispice and Robert Campin's "Mérode Altarpiece". In: ARVIDSON, Jens; ASKANDER, Mikael; BRUHN, Jørgen; FÜHRER, Heidrun. Introduction. **Changing borders: contemporary positions in intermediality**. [s.l.]: Intermedial Studies Press, 2007. p. 189-205.

WOLF, Werner. Entry on 'intermediality'. In: HERMAN, David; JAHN, Manfred; RYAN, Marie-Laure. **Routledge Encyclopedia of Narrative Theory**. London: Routledge, 2005. p. 63-91.

WOLF, Werner. Intermedialität – ein weites Feld und eine Herausforderung für die Literaturwissenschaft. In: BERNHART, Walter (Ed.). **Selected Essays on Intermediality by Werner Wolf (1992–2014)**. [s.l.]: Brill, 2002. p. 63-91.

Recebido em: 29.01.2021

Aprovado em: 10.05.2021